

JOSÉ DENIZARD MACEDO DE ALCÂNTARA (IN MEMORIAM)

F. Alves de Andrade

Com o desaparecimento de José Denizard Macedo de Alcântara, ocorrido em Fortaleza na madrugada do dia 12 de novembro de 1983, abriu-se no seio da comunidade cearense o vazio enorme daquele que foi em todo o esplendor da existência um expoente máximo de sua geração.

Nascera em Crato no dia 1º de setembro de 1921. E arrancado do convívio humano aos 62 anos, na plenitude da vida ativa e enérgica em suas várias manifestações, o abalo sofrido atingiu profundamente o sentimento e a reflexão de sua família, seus companheiros e amigos.

Para o nosso mundo emocional foi como se um bólido catastrófico, precipitando-se das alturas, arrancasse do universo comunitário um maciço e representativo bloco de nosso mundo mental, deixando um imenso vazio em sua estrutura, hoje deficitária de mensagem em seus anseios de comunicação. Resta-nos contemplá-lo no Infinito.

A personalidade de Denizard Macedo de Alcântara é sob múltiplos aspectos merecedora de estudos completos, inteiriços, visto não somente por fora, frente às posições que ocupou — Secretário de Cultura, Vice-reitor da Universidade Federal do Ceará e Presidente do Conselho Estadual de Educação, professor universitário e do magistério do Exército, mas, por dentro, na projeção de seu pensamento e ação junto ao Instituto do Ceará, Instituto do Cariri, Academia Cearense de Letras, Sociedade Cearense de Geografia e História, Instituto Cultural do Cariri, Instituto do Nordeste e clubes de serviço, como político também e dedicado pai de família, formador de consciências cívicas no magistério secundarista na capital cearense e no interior do Estado.

Sem pretensões de autobiografia, mas para esclarecer o seu posicionamento nas diversas torres que ocupou, ele se apresenta como dedicado mais aos temas das ciências políticas e sociais, num interesse polivalente que cobre o leque da Contabilidade à Filosofia, passando pela Sociologia, a Economia, o Direito, a Pedagogia e a Política, fazendo aqui e ali um pouco de jornalismo e de tribuna.

Como professor de Geografia e estudioso da História soube ser um formador de consciências cívicas voltadas para a nacionalidade, reconhecendo-a no impositivo dos fatos embebidos na temática vigorosa das

tradições. Para ele a “geografia é um imperativo que prefigura a História, sem o caráter exclusivista de monocausalismo”. Neste caminho foi que, vivendo um nacionalismo nutrido nas tradições e com os pés bem firmes na terra, foi também um deslumbrado do regionalismo sadio, puro, sem separatismos, entendendo que a Pátria menor não se conflita com a Pátria maior. Assim, “a Nação é uma pela herança comum e pelo destino histórico, como é vária pelas suas peculiaridades locais”.

Um modelo político estruturalmente nacionalista, com empreendimento histórico geográfico, defensor das tradições brasikeiras e da espiritualidade, eis que buscava alcançar dentro da noite, como Diógenes, de lanterna acesa, em pleno dia, dizendo que procurava um homem. Em seu caminho, não se pode estudar Denizard Macedo sem ver nele o movimento de que participou, conscientemente limpo — o Integralismo, a cuja influência espiritual não escapou, como Figueiredo Filho, a partir de Crato, e muitos outros jovens da sua geração.

É-lhe importante buscar o seu depoimento, como neste tópico que preferiu em seu discurso no limiar da Academia Cearense de Letras, ao estudar o cratense Figueiredo Filho: “O Integralismo, a cuja influência espiritual não escapou, tinha como vigas mestras de seu arcabouço doutrinário a preservação e intransigente defesa da cultura nacional, das tradições brasileiras e de nosso passado. É o que se convencionou chamar nacionalismo cultural, ideologia altamente distinta e diversa do nacionalismo econômico, das formas coletivistas da economia, assim como difere do nacionalismo liberal e chauvinista do século XIX no campo político, xenófobo, etnocêntrico e extremamente jacobino, do qual procede em linha reta a loucura racista de Hitler e Rosenberg, pois como sempre, as loucuras do século passado prefiguram as do atual”.

Eis como falavam a respeito condenando os excessos da extrema direita — o nazismo e o fascismo — Denizard e os jovens do nosso tempo. É que vinham de uma cepa diferente; suas raízes continham a seiva nutrida das profundas camadas telúricas, cobertas de humo nacional. E apesar de suas fortes definições brasileiras e de inequívocas contestações à doutrina nazista e fascista eram injustamente acusados em suas convicções.

A tônica regionalista, o profundo telurismo de seu universo emocional tornaram o cratense Denizard Macedo um deslumbrado do seu torrão natal, chegando a dizer que: “não se compreende o Cariri sem a Chapada do Araripe — sua história, sua sociologia repousam na ligação do homem com as águas do sopé plasmando a aglutinação social de um *habitat* que é ilha úmida dos sertões.

Foi dali, mirando “a chapada que corre fronteirando como uma muralha de safira as lindes cearenses e pernambucanas que ele nos veio para os embates culturais.

O seu mundo interior permaneceu como a paisagem que rodeou o seu berço, erguendo-se após a depressão do Sudeste cearense nas imediações da

fronteira piauiense. E depois expandiu-se numa visada ao nível dos solos dos sertões circunvizinhos, até a bacia do São Francisco pelos rios Salgado e Jaguaribe.

E sem perder de mira os solos coluviais dos sopés de serra com os seus vergéis floridos, contrastando com o mar cinzento das caatingas foi que ele sentiu o afeto à Mãe-Pátria, vendo-a pela História e pela Geografia, desde os índios Cariris aos prenúncios ideológicos das grandes revoluções sinceramente almejadas, mas não atingidas.

José Denizard Macedo de Alcântara foi um pensador leal aos grandes ideais humanos. Seu vulto não parece uma miragem, mas apontará como um oásis, tendo como muralha as lindes cearenses, dádivas das águas dos vergéis caririenses, contrastantes com as imagens desertificantes da vida.

Fortaleza, 17 de novembro de 1983